

# 5

## **DILMA ROUSSEFF: O *ETHOS* RETÓRICO DA PRIMEIRA PRESIDENTA DO BRASIL**

### **DILMA ROUSSEFF: THE RHETORIC *ETHOS* OF THE FIRST FEMALE PRESIDENT OF BRAZIL**

#### **Marina Gláucia Verzola<sup>1</sup>**

Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (UNIFRAN); professora do Ensino a Distância na Universidade de Franca (UNIFRAN).

#### **Maria Flávia Figueiredo<sup>2</sup>**

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); docente do Mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN); Psicanalista (APVP).

#### **RESUMO**

Durante o período de eleições governamentais, percebemos, na maioria das comunidades, discussões acerca dos principais candidatos, suas vidas, discursos e expectativas. A política faz parte do dia a dia de todo cidadão e, por isso, o assunto torna-se ainda mais relevante quando vivenciamos um fato inédito, como aconteceu no Brasil no segundo semestre do ano de 2010: pela primeira vez na história do país, uma mulher ocuparia o cargo de presidenta da República. Em decorrência disso, o objetivo deste trabalho é analisar a constituição do *ethos* retórico nos discursos de Dilma Rousseff. A pesquisa foi feita com base na teoria da Argumentação e da Retórica sobre o *ethos* e os autores que dão suporte a ela, são Michel Meyer, Olivier Reboul, Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca. O *corpus*

é composto pelo pronunciamento de Dilma Rousseff do dia 31 de outubro de 2010 e também por seu discurso de posse do dia 1º de janeiro de 2011. Assim que o *corpus* foi delimitado, procedemos à análise dos excertos que apresentam a constituição do *ethos* retórico da presidenta em questão. Dessa maneira, concluímos que Dilma faz uso de estratégias retóricas para construir sua imagem que, na verdade, é aceita por seu auditório – eleitores brasileiros – devido, principalmente, à identificação deste com a imagem de Lula, à qual Dilma tenta dar continuidade.

**Palavras-chave:** *ethos*; mulher; retórica; política.

### ABSTRACT

During the period of government elections, we notice, in most communities, discussions about the main candidates, their lives, speeches, and expectations. Politics is part of all citizens' daily life and, therefore, it becomes even more relevant when we experience an unprecedented occurrence, as happened in Brazil in the second half of 2010: for the first time, in the history of the country, a woman would occupy the position of President of Republic. Due to this, the aim of this work is to analyze the constitution of the rhetoric ethos in Dilma Rousseff's speeches. This research was done based on the theory of Argumentation and Rhetorics about ethos, and the authors who support this research are Michel Meyer, Olivier Reboul, Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca. The corpus consists of the speech pronounced by Dilma Rousseff on October 31, 2010, and also by her inaugural speech on January 1<sup>st</sup>, 2011. Once the corpus was selected, we analyzed the excerpts that show the constitution of rhetorical ethos of the president in question. According to the analysis, we have concluded that Dilma uses rhetoric strategies to built her image, that, actually, is accepted by her auditory – the Brazilian

voters – mainly because they identify with Lula's image, the image which Dilma wants to continue.

**Keywords:** *ethos*; woman; rhetoric; politics.

## 1 INTRODUÇÃO

Durante o período de eleições governamentais, percebemos, em qualquer comunidade, discussões acerca dos principais candidatos, suas vidas, discursos e expectativas. No segundo semestre de 2010, período em que ocorreram as eleições presidenciais no Brasil, tornaram-se relevante em nossa sociedade as discussões acerca da candidatura da ex-ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. Após 33 homens terem ocupado o cargo mais alto no governo do país, Dilma seria a primeira mulher a conquistar a presidência da República. “No Brasil, a política ainda é tratada como assunto de homem. Dos 513 assentos da Câmara dos Deputados, 45 são ocupados por mulheres. No Senado, apenas dez dos 81 parlamentares são mulheres.” (RIBEIRO, 2010, p. 74).

Uma vez que este trabalho visa tratar da constituição do *ethos* da presidenta eleita, faz-se necessária a apresentação de alguns aspectos teóricos da constituição ética.

## 2 ASPECTOS TEÓRICOS DA CONSTITUIÇÃO ÉTICA

O *ethos* retórico, de modo geral, se caracteriza como a imagem, verdadeira ou não, que o orador constrói de si mesmo no intuito de convencer e persuadir seu auditório. Dessa forma, ele está relacionado ao caráter do orador e, por isso, não é possível ao orador atingir o objetivo de persuadir sem ser, ou pelo menos, sem se mostrar ser uma pessoa de bem. Reboul (2004, p. 48) esclarece que o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório, pois, sejam quais forem seus argumentos lógicos, eles nada obtêm sem essa confiança”.

Meyer (2007) elucida que a palavra *ethos* está relacionada à ética, pois para os gregos, além de *ethos* representar a imagem de si e o caráter, ele significava também a personalidade, os traços de comportamento e a escolha de vida e dos fins. Além disso, o autor nos explica o que é

um orador, já que ao tratarmos de *ethos* estamos sempre o relacionando ao orador. Para ele, esta instância é alguém que deve ser capaz de responder às perguntas que provocaram o debate e que são o motivo que faz com que indivíduos negociem sua diferença: “Seguramente, o orador se mascara ou se revela, se dissimula ou se exhibe com toda transparência, em função da problemática que ele precisa enfrentar.” (MEYER, 2007, p. 36).

O *éthos* é uma excelência que não tem objeto próprio, mas liga-se à pessoa, à imagem que o orador passa de si mesmo, e que o torna exemplar aos olhos do auditório, que então se dispõe a ouvi-lo e a segui-lo. As virtudes morais, a boa conduta, a confiança que tanto umas quanto outras suscitam conferem ao orador uma *autoridade* (grifo do autor). (MEYER, 2007, p. 34-35).

É importante que o orador busque atingir às expectativas de seu auditório visando, logo de início, agradar aquele a quem se pretende convencer, pois como exalta Reboul (2004), “a regra de ouro da retórica é levar em conta o auditório.” (p. 142). No entanto, cada auditório apresenta características únicas e é necessário que o orador esteja atento a essas características e, conseqüentemente, se molde de acordo com elas. As expectativas do auditório, segundo o mesmo autor, podem variar de acordo com a idade, o sexo, a competência, o nível social, etc. Amossy (2008) diz que é necessário que o orador construa uma imagem do auditório para que, em função de suas crenças e valores, possa se adequar a ele. E Reboul (2004) afirma:

O orador, portanto, não terá o mesmo etos se estiver falando com velhos camponeses ou com adolescentes citadinos. Mas, em todo caso, ele deve preencher as condições mínimas de credibilidade, mostrar-se sensato, sincero e simpático. Sensato: capaz de dar conselhos razoáveis e pertinentes. Sincero: não dissimular o que pensa nem o que sabe. Simpático: disposto a ajudar seu auditório. (p. 48).

Isto demonstra que as estratégias retóricas só funcionam se ade-

quadas ao auditório. Sendo assim, uma estratégia que funcionou em uma dada situação pode não funcionar em outro contexto.

Outro fator importante para a constituição correta do *ethos* é a aproximação do orador ao seu auditório em termos de conteúdo e linguagem. No que se refere à escolha do vocabulário, o orador deve se preocupar em se comunicar com uma linguagem acessível ao seu auditório e sempre levar em consideração o conhecimento de mundo que esse tem. Se o orador comenta acerca de um assunto ou fato desconhecido de seu interlocutor, a consequência mais provável é a criação de uma maior distância entre eles, e não a aproximação. O mesmo fato ocorre se o orador demonstra possuir ideias contrárias à de seus interlocutores, pois se elas são antagônicas, a possibilidade de haver convencimento torna-se ainda mais distante. Se um assunto se caracteriza como controverso, o orador deve evitá-lo para não despertar no auditório um julgamento negativo. Meyer (2007) diz que a retórica é a negociação da diferença, isto é, da distância entre os indivíduos sobre uma questão dada. Convencer e persuadir é diminuir a distância existente entre o orador e seu auditório. Dessa forma, até a linguagem deve ser moldada. Se o auditório se constitui de um público culto, é importante o uso, por parte do orador, de um vocabulário refinado, que atenda às exigências daquele determinado público. Por outro lado, se o público representa uma camada menos letrada da população de um país, é de extrema importância o uso de uma linguagem simples e acessível a esse tipo de auditório.

Elucidamos que o *ethos* se liga à pessoa do orador, no entanto, ele representa uma dimensão bem mais complexa.

O *éthos* é um domínio, um nível, uma estrutura – em resumo, uma dimensão –, mas isso não se limita *àquele que* fala a um auditório, nem mesmo a um autor que se esconde atrás de um texto e cuja “presença”, por esse motivo, afinal, pouco importa. O *éthos* se apresenta de maneira geral como aquele

ou aquela com quem o auditório se identifica, o que tem como resultado conseguir que suas respostas sobre a questão tratada sejam aceitas (grifo do autor). (MEYER, 2007, p. 35).

Percebemos que a constituição do *ethos* se efetua na medida em que ocorre uma identificação por parte do auditório.

Neste ponto do trabalho, podemos comentar o que Meyer chama de *ethos* projetivo e *ethos* efetivo. Ele comenta: “O orador pode jogar com a defasagem entre esses dois *éthos*, ou, ao contrário, com a identidade entre eles, a fim de manipular o auditório.” (MEYER, 2007, p. 36). Buscando nos aprofundar nesta questão, vamos explicar qual seria a diferença entre o *ethos* projetivo e o *ethos* efetivo.

O primeiro – *ethos* projetivo – é um *ethos* imanente que o outro da relação retórica projeta como imagem, ou seja, é a imagem que o auditório possui do orador, a priori, e a imagem que o orador acredita ser aquela que o auditório possui dele.

O segundo – *ethos* efetivo – é a imagem realmente construída pelo orador durante seu discurso, visando persuadir o auditório.

O orador, sabendo que o *éthos* projetivo em princípio difere do *éthos* efetivo, pode construir seu discurso de modo que a imagem projetada seja efetivamente controlada. Isso pertence ao domínio daquilo que Aristóteles chamava de *phrónesis*, ou prudência. O orador se orna da virtude que o auditório espera dele e faz uso dessa congruência para comunicar sua mensagem. Ele aparece como é, ao menos é isso que tentará fazer acreditar, ao adotar essa estratégia de adequação, que é uma estratégia de sinceridade, fingida ou real. (MEYER, 2007, p. 53-54).

Dessa forma, estamos abordando as duas imagens existentes do orador. A primeira, criada pelo auditório, é aquela construída antes mesmo de o orador dar início ao seu discurso. Essa imagem pode favorecer ou prejudicar o processo de persuasão, dependendo de suas características boas ou más. O orador, portanto, deve ter conhecimento

dessa imagem que o auditório possui dele, para poder modificá-la através da construção de seu discurso, se preciso for, caso ela seja uma imagem negativa. Neste caso, estamos tratando da segunda imagem existente do orador, aquela construída por ele mesmo, no intuito de atender às expectativas de seu auditório.

Se a situação for de um *ethos* projetivo negativo, o orador deverá, durante a construção de seu *ethos* efetivo, fazer uso das qualidades esperadas pelo auditório, mesmo essas não sendo reais. Sobre esse assunto, Reboul (2004) afirma

Assim como o hipócrita, o autor finge sentimentos que não tem, mas sabe disso, e seu público também. Assim também o orador: pode exprimir o que não sente, e sabe disso, mas não pode informar seu público, ou destruiria seu discurso. O ator que finge bem é um artista; o orador que finge bem seria um mentiroso... (REBOUL, 2004, p. 67).

### **3 A CONSTITUIÇÃO ÉTICA DOS DISCURSOS DE DILMA ROUSSEFF**

Analisamos, neste item, o pronunciamento de Dilma Rousseff do dia 31 de outubro de 2010, quando da confirmação de sua vitória no segundo turno das eleições presidenciais brasileiras e seu discurso de posse do dia 1º de janeiro de 2011. Tanto os textos dos discursos quanto os vídeos podem ser encontrados na Internet de acordo com os links que se encontram nas referências deste trabalho.

Os dois discursos analisados apresentam mais pontos em comum que peculiaridades. Devido a isso, comentaremos sobre as principais características do *ethos* retórico da presidenta em questão e, logo após, explicitaremos a diferença entre os dois discursos.

Dilma inicia seus discursos da seguinte maneira:

Primeiro eu queria agradecer aos que estão aqui presentes nessa noite que pra mim é uma noite, vocês imaginam, completamente especial, mas eu queria me dirigir a todos



os brasileiros e brasileiras, os meus amigos e minhas amigas de todo o Brasil. (pronunciamento)

Meus queridos brasileiros e brasileiras, pela decisão soberana do povo, hoje será a primeira vez que a faixa presidencial cingirá o ombro de uma mulher. (discurso de posse, grifo nosso)

Podemos perceber que ela se refere a todos como amigos, da mesma forma com que Lula, nosso ex-presidente, se dirigia a seus eleitores utilizando o vocativo companheiro e/ou companheira. Essas formas amigáveis e simpáticas de se relacionar com o auditório indicam uma estratégia por parte do orador que, já no exórdio (parte introdutória do discurso), busca gerenciar sua relação com o auditório com vistas a angariar sua adesão. O vocativo utilizado por Dilma, os pronomes possessivos meus e minhas e os adjetivos queridos e queridas aproximam o auditório do orador e, deste modo, as ideias deste poderão ser mais facilmente aceitas pelos ouvintes, se pensarmos que para convencer é preciso diminuir a distância entre um e outro.

Logo após o início dos discursos, a presidenta aponta seu primeiro compromisso: honrar as mulheres.

Já registro, já registro, portanto, o meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda nossa sociedade. (pronunciamento, grifo nosso)

Sinto uma imensa honra por essa escolha do povo brasileiro e sei do significado histórico desta decisão. Sei, também, como é aparente a suavidade da seda verde-amarela da faixa presidencial, pois ela traz consigo uma enorme responsabilidade perante a nação. Para assumi-la, tenho comigo a força e o exemplo da mulher brasileira. Abro meu coração para receber, neste momento, uma centelha de sua imensa energia. (...) Venho para abrir portas para que muitas outras mulheres também possam, no futuro, ser presidentas, e para que (palmas), no dia de hoje, todas as mulheres brasileiras

sintam o orgulho e a alegria de ser mulher. Não venho para enaltecer a minha biografia; mas para glorificar a vida de cada mulher brasileira. Meu compromisso supremo eu reitero é honrar as mulheres, proteger os mais frágeis e governar para todos. (discurso de posse - grifo nosso)

O assunto sobre a participação ativa das mulheres na vida do país foi uma constante durante a campanha eleitoral de Dilma, pois ela seria a primeira mulher a governar o Brasil e enfrentou, devido a esse fato, preconceito e repressão. Como pudemos ver, de acordo com a citação da revista *Veja* que se encontra na Introdução deste trabalho, a política, aqui no Brasil, ainda é vista como assunto para homens. Essa luta pela maior participação feminina em todo e qualquer campo representa o desejo da maioria das mulheres de nosso país. Dessa maneira, ao abarcar um assunto tão relevante na sociedade atual, Dilma obtém a adesão, por meio da identificação, de uma grande parcela de seus eleitores, as mulheres, que se encontram na mesma situação que então Dilma se encontrava como candidata: a situação frequente do preconceito. Como ressaltamos na parte teórica, o assunto a ser tratado em um discurso representa estratégia para aproximar ou afastar o auditório do orador e, neste caso, a oradora optou por utilizar um dos argumentos mais fortes logo no início de seu discurso. Por isso, a escolha por tratar desse tema logo no começo já garante a aproximação de pelo menos metade dos eleitores. Como diz Reboul (2004), a ordem dos argumentos depende tanto do orador quanto do auditório que sempre manifesta expectativas; por isso, a forma com a qual os argumentos são dispostos não é lógica, mas psicológica.

No trecho citado a seguir, a presidenta também aborda outros temas importantes, como a liberdade de imprensa e liberdade de religião, abarcando, assim, um grande número de eleitores oriundos das mais diversas religiões encontradas no Brasil. Esse procedimento da oradora está de acordo com os postulados de Meyer (2007), que afirma que

quando o orador apresenta ideias contrárias à de seus interlocutores, a possibilidade de haver convencimento torna-se ainda mais remota. Devido a isso, Dilma necessitava se mostrar a favor da diversidade de crenças, que ela sabia estar presente em seu auditório.

Eu vou zelar pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa. Vou zelar pela mais ampla liberdade religiosa e de culto. (pronunciamento)

Reafirmo meu compromisso inegociável com a garantia plena das liberdades individuais; da liberdade de culto e de religião; da liberdade de imprensa e de opinião. (discurso de posse - grifo nosso).

Além disso, cabe ressaltar que os assuntos tratados por Dilma remetem aos fatos ocorridos durante o período de campanha eleitoral. Um exemplo disso foi a polêmica ocorrida em relação ao aborto, o que fez com que o assunto religião viesse à tona. Na notícia do site da revista *Veja* (acervo digital) intitulada “Para abafar polêmica do aborto, Dilma vai pregar ‘defesa da vida’ na TV”, podemos perceber que a candidata à presidência da República busca estratégia para desfazer a confusão criada em relação à legalização da prática do aborto.

O artigo intitulado *O Voto em Dilma Rousseff: entre o apoio de Lula e o papel da mídia*<sup>1</sup> nos mostra alguns dos principais acontecimentos relativos ao período de campanha eleitoral da presidenta Dilma Rousseff. De acordo com os autores, a eleição presidencial brasileira de 2010 apresentou características peculiares em relação às outras eleições ocorridas em nosso país. Eles afirmam essa ideia quando mencionam que

A pauta do meio ambiente foi importante, mas não decisiva, e notou-se uma crescente atenção aos valores morais. Pela primeira vez em muitos anos, Bispos da Igreja Católica e das Igrejas Protestantes interferiram diretamente na eleição

1 Autores: Érica Anita Baptista Silva, Illyushin Zaak Saraiva e Mariela Campos Rocha.

presidencial apoiando ou condenando o voto em determinados candidatos, especialmente a candidata Dilma. (SILVA; SARAIVA; ROCHA, 2011, p. 4).

A questão mais comentada em relação à campanha eleitoral de Dilma é a questão religiosa e moral. Os autores comentam que nas duas primeiras semanas anteriores ao segundo turno, Dilma visitou maternidades e igrejas, participando da celebração do dia de N. Sra. Aparecida. Logo depois, os evangélicos queriam que ela assinasse um acordo, posicionando-se contra o casamento gay e o aborto. Devido a isso, no dia 15 de outubro de 2010, Dilma divulgou uma carta em que ela reafirmava suas posições em relação ao aborto e à questão religiosa e explicava sua tentativa de combater os boatos que pretendiam arruinar sua campanha e alimentar a divisão religiosa no Brasil.

Como já ressaltamos na parte teórica desse trabalho, o orador deve sempre adequar seu discurso ao seu auditório, atendendo suas expectativas e respondendo às suas perguntas que, como diz Meyer (2007), muitas vezes podem estar implícitas. De acordo com esse autor, em retórica, o par pergunta-resposta está sempre presente, sendo o que causa a distância ou diferença entre orador e auditório. As perguntas são provenientes do auditório, cabendo ao orador respondê-las. No entanto, muitas dessas perguntas são implícitas e cabe ao orador perceber, de acordo com os sentimentos que o auditório manifesta, quais são suas expectativas. Além disso, sabemos o quão difícil é a tarefa do orador de se adequar ao seu auditório, tendo o conhecimento de que ele é heterogêneo. Por isso, há a necessidade de utilização de argumentos múltiplos, buscando atender tudo ou quase tudo que o público espera da pessoa que visa convencer e persuadir. Devido a isso, Dilma comenta vários assuntos que ela acredita serem importantes para seu auditório (neste caso, seu auditório era universal). Para se adequar a ele é necessário conhecê-lo e, conhecendo-o ela compartilha de suas expectativas, podendo atendê-las para melhor

criar sua imagem de pessoa do bem. Entre os assuntos abordados por ela estão: igualdade de oportunidades entre ambos os sexos, valorização da democracia, liberdade de imprensa e liberdade de religião e de culto, erradicação da miséria, economia e relações comerciais, riquezas naturais, qualificação da Educação e dos Serviços de Saúde, melhoria da segurança pública, combate às drogas e reforma política. A escolha dos temas a serem tratados traz uma fundamentação baseada naquilo que aconteceu durante a campanha presidencial, não significando uma escolha pessoal da oradora. Como mostramos acima, por exemplo, o assunto sobre religião mereceu atenção no discurso da candidata devido ao fato de terem ocorrido polêmicas em relação ao aborto, o que, conseqüentemente, criou expectativas no auditório a respeito daquele assunto.

Outro exemplo da questão tratada acima, sobre a escolha dos temas a serem discutidos (ou não), é o fato de Dilma não ter sequer mencionado o assunto do aborto. A candidata fala sobre liberdade de religião, mas, em nenhum momento, pronuncia a palavra aborto. Notamos que a fuga aos assuntos controversos faz com que qualquer questionamento ou dúvida sobre a integridade do orador sejam evitados, construindo-se assim um *ethos* de pessoa do bem.

Percebemos no discurso de Dilma uma estratégia muito comum e, por isso, muito utilizada por qualquer tipo de orador. Estamos falando do fato de que, para mais facilmente convencer o interlocutor, é interessante agradá-lo de forma que se mantenha uma relação harmoniosa, campo mais favorável à persuasão. No trecho a seguir, podemos ver como Dilma levanta o moral do povo brasileiro e estabelece com este uma comunhão<sup>2</sup> por meio do uso do pronome nosso:

---

2 “As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório.” (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 201).

O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por menor que seja, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para si e para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo. (pronunciamento, grifo nosso)

Para dar longevidade ao atual ciclo de crescimento é preciso garantir a estabilidade, especialmente a estabilidade de preços e seguir eliminando as travas que ainda inibem o dinamismo de nossa economia, facilitando a produção e estimulando a capacidade empreendedora de nosso povo, da grande empresa até os pequenos negócios locais, do agronegócio à agricultura familiar. (discurso de posse, grifo nosso)

Como diz Reboul (2004), para construir a imagem de pessoa de bem é preciso ressaltar as qualidades alheias e ser humilde. Colocamos aqui outro trecho em que Dilma elogia a população do Brasil:

Zelaremos pelo aperfeiçoamento de todos os mecanismos que liberem a capacidade empreendedora de nosso empresariado e de nosso povo. (pronunciamento, grifo nosso)

É preciso, antes de tudo, criar condições reais e efetivas capazes de aproveitar e potencializar, ainda mais e melhor, a imensa energia criativa e produtiva do povo brasileiro. (discurso de posse, grifo nosso)

Ao continuar com a estratégia de agradar o auditório, Dilma fala das necessidades básicas a que muitas pessoas no Brasil ainda não tiveram acesso. Dessa maneira, ela vai ao encontro das expectativas daqueles que, com certeza, esperam ter seus direitos atendidos, afinal quem não busca comida, emprego, moradia e paz social?

Por isso, registro aqui outro compromisso com meu país: Valorizar a democracia em toda sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais, básicos, da alimentação, do emprego, da renda, da moradia digna e da paz social. (grifo nosso)

Nos excertos copiados abaixo, podemos perceber que Dilma pede

a ajuda de todos os componentes da sociedade, pois declara que as metas não se realizam apenas pela vontade do governo. É necessário que todos estejam envolvidos.

Ressalto, entretanto, que esta ambiciosa meta não será realizada apenas pela vontade do governo, ela é importante, mas esta meta é um chamado à nação, aos empresários, aos trabalhadores, às igrejas, às entidades civis, às universidades, à imprensa, aos governadores, aos prefeitos e a todas as pessoas de bem do nosso país. (pronunciamento, grifo nosso)

Esta não é tarefa isolada de um governo, mas um compromisso a ser abraçado por toda sociedade. Para isso peço com humildade o apoio das instituições públicas e privadas, de todos os partidos, das entidades empresariais e dos trabalhadores, das universidades, da juventude, de toda a imprensa e de das pessoas de bem. (discurso de posse, grifo nosso)

Quando pensamos na elocução, ou seja, na construção textual do discurso, voltamos nosso olhar para a questão da linguagem, do estilo, da adequação ao tema, etc. Percebemos que Dilma consegue adequar seu vocabulário (dentro de condições possíveis, pois não podemos nos esquecer de que por se tratar de um discurso político, a formalidade não pode ser excluída) àquelas pessoas que compõem seu auditório. Este é universal, portanto, ela fala para um público heterogêneo, composto tanto pelos políticos como pelo povo brasileiro. Devido a isso, não há necessidade de utilizar palavras restritas somente ao vocabulário da norma culta, mas palavras que sejam de fácil entendimento para o grande público. Nos trechos selecionados abaixo, percebemos a utilização de um vocabulário coloquial, capaz de criar a aproximação da oradora com o auditório.

O que mais me deu confiança e esperança ao mesmo tempo foi a capacidade imensa do nosso povo, de agarrar uma oportunidade, por menor que seja, por mais singela que seja, e com ela construir um mundo melhor para si e para sua família. É simplesmente incrível a capacidade de criar e empreender do nosso povo. Por isso, reforço aqui meu compromisso fundamental que eu mantive e reiterarei ao longo dessa campanha: a erradicação da miséria e a criação

de oportunidades para todos os brasileiros e para todas as brasileiras. (pronunciamento - grifo nosso)

Já faz parte, aliás, da nossa cultura recente a convicção de que a inflação desorganiza a economia e degrada a renda do trabalhador. Não permitiremos, sob nenhuma hipótese, que esta praga volte a corroer nosso tecido econômico e a castigar as famílias mais pobres. (discurso de posse - grifo nosso)

O pré-sal é nosso passaporte para o futuro, mas só o será plenamente, queridas brasileiras e queridos brasileiros, se produzir uma síntese equilibrada de avanço tecnológico, avanço social e cuidado ambiental. (discurso de posse - grifo nosso)

Outro trecho importante, no qual podemos perceber o uso de uma linguagem coloquial, é o que se segue, construído, inclusive, com o uso de um clichê.

O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro. (pronunciamento - grifo nosso)

A clareza se constitui em ferramenta essencial para quem visa convencer e persuadir, pois como diz Reboul (2004), quando o orador constrói um discurso claro, ele se coloca ao alcance de seu auditório. Isso nos leva a supor que Dilma faz uso de expressões coloquiais no intuito de demonstrar clareza em seu discurso.

Além disso, observamos alguns trechos em que a oradora não se atém às regras gramaticais propostas pela norma culta que admite o uso da palavra onde apenas quando nos referimos a lugares. Neste caso, ela deveria usar a expressão no qual.

Vou com eles construir um governo onde a capacidade profissional, a liderança e a disposição de servir ao país será o critério fundamental. (pronunciamento - grifo nosso)

Eu e meu vice-presidente Michel Temer fomos eleitos por uma ampla coligação partidária. Estamos construindo com eles um governo onde capacidade profissional, liderança e a



disposição de servir ao país serão os critérios fundamentais.  
(discurso de posse - grifo nosso)

Outro trecho no qual podemos perceber um deslize em relação à Língua Portuguesa é o excerto copiado abaixo. A oradora pronuncia a palavra “decisível” que não consta no vocabulário de nossa língua.

No plano social, a inclusão só será plenamente alcançada com a universalização e a qualificação dos serviços essenciais. Este é um passo decisível e irrevogável para consolidar e ampliar as grandes conquistas obtidas pela nossa população no período do governo do presidente Lula. (discurso de posse - grifo nosso)

Podemos perceber, através das considerações feitas até agora, que Dilma busca construir seu *ethos* de pessoa do bem e, como já ressaltamos na parte teórica, o *ethos* é a imagem – verdadeira ou não – criada pelo orador no intuito de convencer e persuadir seu auditório. Para Reboul (2004) a imagem criada deve inspirar confiança no auditório, pois sem essa confiança de nada adiantariam os argumentos lógicos. Podemos agora observar a questão do *ethos* projetivo e do *ethos* efetivo de que Meyer (2007) nos fala.

O *ethos* projetivo é aquela imagem criada pelo auditório a respeito do orador, mesmo antes que ele tome a palavra. Podemos imaginar a primeira imagem projetada de Dilma, isto é, a imagem construída de acordo com as informações a que o povo brasileiro tinha acesso, através da mídia. Sobre isso é interessante comentar o artigo intitulado “A construção do ator Dilma Rousseff em textos jornalísticos” de autoria de Naiá Sadi Câmara e Vera Lúcia Rodella Abriata. Neste trabalho as autoras mostram, através dos estudos da semiótica francesa, as várias imagens que a candidata à presidência da República apresentava. A primeira delas é de avatar’ de Lula, pois como as autoras elucidam, através de um trecho do editorial do jornal o Estado de São Paulo do dia 26 de setembro de 2010, Lula seria o criador/

inventor de uma candidata que o representasse no pleito presidencial. A outra imagem discutida por elas é a de ex-guerrilheira. Em um texto apresentado pelas autoras (publicação eletrônica da Revista *Veja*, 19 de fevereiro de 2010), podemos perceber que Dilma teve papel relevante no assalto ao cofre paulista além de ser o cérebro da ação. Além dessas imagens, Câmara e Abriata ainda comentam sobre a imagem contraditória e a de prostituta, criada devido a uma charge do cartunista Nani (reproduzida no *blog* do jornalista Josias de Souza, da Folha de S. Paulo em oito de julho de 2010) em que o ator Dilma roda bolsinha em determinada esquina.

Dessa forma, o *ethos* projetivo de Dilma era o de avatar de Lula, de guerrilheira, marxista e até presidiária, fato que contribuiu para que muitos eleitores não a escolhessem como presidenta.

Logo após as eleições do segundo turno, nosso desejo por analisar seu discurso aumentou ainda mais, pois, como ela teria vencido as eleições se seu *ethos* projetivo era desfavorável à sua vitória?

Isso se deve ao fato de que o orador tem conhecimento da imagem que o auditório possui dele e, por isso, ele pode modificar essa imagem, construindo outra (verdadeira ou não) para suplantar a primeira, que, no caso de Dilma, se constituía em uma imagem negativa e consequentemente prejudicial em termos de persuasão. Meyer (2007) afirma que o orador pode jogar com as duas imagens, pois sabe que o *ethos* projetivo pode diferir do *ethos* efetivo. Se o *ethos* projetivo transmite confiança ao auditório, o orador deve afirmar esta mesma imagem em seu discurso. Caso contrário, ele deve construir, através do discurso, outra que tenha como objetivo atender às expectativas do público alvo. O *ethos* projetivo de Dilma precisava ser modificado e ela sabia disso, fato que a levou a construir, através de seu discurso, seu *ethos* efetivo que, aliado à imagem de Lula, foi responsável por sua vitória nas eleições presidenciais do Brasil.

Como destacamos na teoria abordada neste trabalho, de acordo com Meyer (2007), o *ethos* é uma dimensão que não se limita àquele que fala a um auditório, mas sim àquele com quem o auditório se identifica. Dessa maneira, percebemos que Dilma se apoia na imagem de Lula, pois sabe que o seu auditório (o de Dilma) se identifica com o *ethos* do ex-presidente, um *ethos* favorável criado por ele durante oito anos de governo. Além de se apoiar, ao falar do governo de Lula, Dilma utiliza o pronome nosso, transmitindo a ideia de que ela também fez parte de todas as conquistas do governo anterior. Isso se deve ao fato de que Dilma necessitava criar uma nova imagem que apagasse seu *ethos* projetivo e, tendo a imagem de Lula consigo, seria uma forma de fazer com que o auditório depositasse confiança em sua pessoa. Nos trechos seguintes podemos perceber como Dilma cita os feitos do mandato de Lula:

O Brasil é uma terra generosa e sempre devolverá em dobro cada semente que for plantada com mão amorosa e olhar para o futuro. Minha convicção de assumir a meta de erradicar a miséria vem, não de uma certeza teórica, mas da experiência viva do nosso governo, o governo do presidente Lula, no qual uma imensa mobilidade social se realizou, tornando hoje possível um sonho que sempre pareceu impossível. (pronunciamento - grifo nosso)

Valorizarei o micro empreendedor individual, para formalizar milhões de negócios individuais ou familiares, ampliarei os limites do supersimples (palmas) e construirei modernos mecanismos de aperfeiçoamento econômico, como fez nosso governo, o governo do presidente Lula, na construção civil, no setor elétrico, na lei de recuperação de empresas, entre vários outros. (pronunciamento - grifo nosso)

A utilização da expressão nosso governo, como forma equivalente à expressão o governo do presidente Lula, retrata uma tentativa por parte da oradora de mesclar-se ao governo presidido por Lula.

No discurso de posse, Dilma continua comentando sobre Lula:

E sei que meu mandato deve incluir a tradução mais generosa

desta ousadia do voto popular que, após levar à presidência um homem do povo, um trabalhador, decide convocar uma mulher para dirigir os destinos do país. (discurso de posse - grifo nosso)

Venho, antes de tudo, para dar continuidade ao maior processo de afirmação que este país já viveu nos tempos recentes. Venho para consolidar a obra transformadora do presidente Luis Inácio Lula da Silva, (palmas) com quem tive a mais vigorosa experiência política da minha vida e o privilégio de servir ao país, a seu lado, nestes últimos anos. De um presidente que mudou a forma de governar e levou o povo brasileiro a confiar ainda mais em si mesmo e no futuro do seu país. A maior homenagem que posso prestar a ele é ampliar e avançar as conquistas do seu governo. Reconhecer, acreditar e investir na força do povo foi a maior lição que o presidente Lula deixa para todos nós (palmas). Sob sua liderança, o povo brasileiro fez a travessia para uma outra margem da nossa história. Minha missão agora é de consolidar esta passagem e avançar no caminho de uma nação geradora das mais amplas oportunidades. (discurso de posse - grifo nosso)

Um governo se alicerça no acúmulo de conquistas realizadas ao longo da história. Ele sempre será, ao seu tempo, mudança e continuidade. Por isso, ao saudar os extraordinários avanços recentes, liderados pelo presidente Lula, é justo lembrar que muitos, a seu tempo e a seu modo, deram grandes contribuições às conquistas do Brasil de hoje. Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do Fundo Monetário Internacional, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa. Reduzimos, sobretudo, a nossa dívida social, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média. (discurso de posse - grifo nosso)

É importante observar também que as palmas provenientes do auditório indicam o momento em que há maior identificação por parte do público. No excerto seguinte podemos analisar que as palmas são frequentes quando a oradora fala de Lula.

Agradeço muito especialmente e com emoção ao presidente Lula. (palmas seguidas de canto do auditório: Olê olê olê olá Lula! Lula!) Ter a honra de seu apoio, ter o privilégio de sua convivência, ter aprendido com sua imensa sabedoria, são coisas que se guarda para a vida toda. Conviver durante todos estes anos com ele (palmas) me deu a exata dimensão do governante justo e do líder apaixonado por seu país e por sua gente. A alegria que eu sinto hoje pela minha vitória se mistura com a emoção da sua despedida. Sei que um líder como Lula nunca estará longe de seu povo e de cada um de nós. (palmas) Baterei muito a sua porta e, tenho certeza e confiança, que a encontrarei sempre aberta. Sei que a distância de um cargo nada significa para um homem de tamanha grandeza e generosidade. (palmas). (pronunciamento - grifo nosso)

Observamos aqui o ponto máximo de identificação do auditório com a imagem de Lula, pois além das palmas, encontramos um canto que demonstra a admiração do povo brasileiro pelo ex-presidente. Esse fato nos evidencia que a identificação do povo brasileiro é com o *ethos* de Lula e não com o *ethos* de Dilma. Como Meyer (2007) nos explica, o *ethos* é uma dimensão que não está ligada à pessoa que fala, ou seja, ao orador, mas sim à pessoa com quem o auditório se identifica. Neste caso, a oradora Dilma constrói seu discurso visando criar uma imagem de si mesma que, na verdade, está a todo instante amalgamada ao *ethos* de Lula.

Percebemos, dessa forma, que o *ethos* de Lula, com o qual o auditório demonstrou se identificar, foi um dos fatores preponderantes para a chegada de Dilma à presidência da República.

No entanto, um fato interessante que se faz necessário discutir é a questão do tratamento que Dilma dá quando fala do governo. Observamos que no pronunciamento a oradora diz, algumas vezes, nosso governo, querendo se referir ao governo do ex-presidente Lula, do qual ela supunha fazer parte e, a partir do dia 1º de janeiro de 2011, ela não só faria parte, como estaria no comando da presidência. No discurso de posse, percebemos que, no fim de sua fala, Dilma diz

(em 3 pontos afastados do discurso) meu governo. Quando a oradora utiliza o pronome possessivo meu, podemos perceber a mudança que começa a se operar. Depois de ganhada a eleição, Dilma não necessitaria se apoiar no *ethos* do ex-presidente, pois já tinha alcançado o objetivo de persuadir e convencer seu auditório. Percebemos que ao longo do discurso ela comenta sobre o ex-presidente várias vezes no intuito de manter presente a aceitação do povo brasileiro em relação à sua pessoa, mas, em especial neste discurso, ela já começa a mostrar que sua imagem de pessoa do bem havia sido construída, não necessitando mais do apoio da imagem de Lula. Abaixo, encontram-se os excertos em que ela utiliza a expressão meu governo.

Meu governo fará um trabalho permanente para garantir a presença do Estado em todas as regiões mais sensíveis à ação da criminalidade e das drogas, em forte parceria com Estados e Municípios. (discurso de posse - grifo nosso)

O meu governo terá a responsabilidade de transformar a enorme riqueza obtida no Pré Sal em poupança de longo prazo, capaz de fornecer às atuais e às futuras gerações a melhor parcela dessa riqueza, transformada, ao longo do tempo, em investimentos efetivos na qualidade dos serviços públicos, na redução da pobreza e na valorização do meio ambiente. (discurso de posse - grifo nosso)

Meu governo apoiará fortemente o desenvolvimento científico e tecnológico para o domínio do conhecimento e a para inovação como um instrumento fundamental de produtividade e competitividade do nosso país. (discurso de posse - grifo nosso)

Em uma análise que não esgota todas as suas possibilidades, descobrimos serem essas as características principais e predominantes do *ethos* retórico de Dilma Rousseff.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todas as observações feitas neste trabalho, podemos

perceber que Dilma Rousseff faz uso de estratégias retóricas para construir sua imagem de pessoa do bem. Observamos sua tentativa de aproximação com o auditório através dos vocativos, dos pronomes possessivos e dos adjetivos quando diz: “Meus queridos amigos e amigas”. Além disso, fica clara sua intenção de agradar o povo brasileiro por meio de elogios, fazendo com que o convencimento ocorra de forma mais sutil. Não podemos esquecer que o uso de uma linguagem acessível ao auditório também representa uma estratégia e a oradora soube adequar seu discurso às pessoas que compunham seu auditório. Soube também esquivar-se de temas que pudessem comprometê-la, tal como o aborto, da mesma forma que valorizou temas como liberdade de imprensa e religião e a questão do preconceito em relação às mulheres. Isso fazendo, atendeu às expectativas de vários eleitores que tinham esses temas em alto grau na sua escala de valores. No entanto, os pontos mais relevantes do pronunciamento são aqueles em que a oradora fala do ex-presidente, Luís Inácio Lula da Silva. A esse respeito, as palmas são um forte indício de que o auditório se identifica com a imagem de Lula. Portanto, a construção do *ethos* efetivo de Dilma, na verdade, se deu a partir da tentativa de dar continuidade a esse *ethos* projetivo de Lula, aquele com o qual, nossa análise nos faz crer, o auditório realmente se identifica. No discurso de posse percebemos uma pequena mudança de atitude por parte da oradora que começa a se referir ao governo como “seu”, e não mais como “nosso”, como visto no pronunciamento. Isso deixa evidente que, no momento do discurso de posse, a presidenta já havia construído sua imagem de pessoa de bem e não mais necessitaria de se apoiar na imagem do ex-presidente Lula.

Em uma análise que não esgota todas as possibilidades, percebemos serem essas as características predominantes do *ethos* retórico de Dilma Rousseff.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 5. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. Breves considerações sobre a arte de argumentar. In: FIGUEIREDO, M. F.; MENDONÇA, M. C.; ABRIATA, V. L. R. *Sentidos em movimento: identidade e argumentação*. Franca: Unifran, 2008. p. 61-85. (Coleção Mestrado em Linguística, 3).

AMOSSY, R. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. cap. 5, p. 119-144.

\_\_\_\_\_. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. Introdução. p. 9-28.

CÂMARA, N. S.; ABRIATA, V. L. R. A construção do ator Dilma Rousseff em textos jornalísticos, In: XVI Congresso Internacional de La Asociación de Linguística y Filología de La América Latina (ALFAL), 2011, Alcalá de Henares. *Documentos para el XVI Congreso Internacional de La ALFAL*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2011.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 16. ed. São Paulo: Ática, 2005.

DELGADO, M. B. G. *Mais mulheres na direção da CUT*. Estudos Feministas. v. 4, n. 1, p. 138-147. 1996. p. 145.

FERREIRA, L. A. *Leitura e persuasão: princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIDALGO, A. Definição de retórica e cultura grega. Disponível



em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/fidalgo-antonio-retorica-cultura-grega.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2010.

MEYER, M. *A retórica*. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

Notícias UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/especial/eleicoesar/ultnot/2007/10/28/ult5523u90.jhtm>>. Acesso em: 15 out. 2010.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da argumentação*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Polêmica sobre o aborto. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/para-abafar-polemica-do-aborto-dilma-vai-pregar-defesa-da-vida-na-tv>>. Acesso em: 28 jan. 2012

POLIS - *Enciclopédia verbo da sociedade e do estado*. São Paulo: Verbo, 1986.

REBOUL, O. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Revista Época on-line. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI120727-15227,00.html>>. Acesso em: 15 out. 2010.

Revista Espaço Acadêmico. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm#\\_ftn4](http://www.espacoacademico.com.br/037/37cferreira.htm#_ftn4)>. Acesso em 18 out. 2011.

RIBEIRO, G. Mulheres no poder. *Veja*, São Paulo: Abril, ano 43, edição 2189. p. 70-75, nov. 2010.

ROUSSEFF, D. Primeiro pronunciamento da presidente eleita Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/823569->

-leia-integra-do-primeiro-pronunciamento-da-presidente-eleita-dilma-rousseff.shtml>. Acesso em: 28 jul. 2010.

\_\_\_\_\_. Discurso de posse de Dilma Rousseff no Congresso. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/853564-leia-integra-do-discurso-de-posse-de-dilma-rousseff-no-congresso.shtml>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

SILVA, E. A. B.; SARAIVA, I. Z.; ROCHA, M. C. *O Voto em Dilma Rousseff: entre o apoio de Lula e o papel da mídia*. Disponível em: <[http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:MGme4rKbRGkJ:scholar.google.com/+O+voto+em+Dilma+Rousseff:+entre+o+apoio+de+Lula+e+o+papel+da+m%C3%ADdia&hl=pt-BR&as\\_sdt=0,5](http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:MGme4rKbRGkJ:scholar.google.com/+O+voto+em+Dilma+Rousseff:+entre+o+apoio+de+Lula+e+o+papel+da+m%C3%ADdia&hl=pt-BR&as_sdt=0,5)>. Acesso em: 14 fev. 2012.

Site de Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www.dilma.com.br/biografia/>>. Acesso em: 13 jan. 2011.

Vídeo do discurso de posse de Dilma Rousseff. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6XvO0imUdzI>>. Acesso em: 11 jul. 2011.

Vídeo do pronunciamento de Dilma Rousseff do dia 31 de outubro de 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kFFXAVg2F7k>>. Acesso em: 19 nov. 2010.